

## **EDITORIAL**

Solange T. de Lima Guimarães  
Depto. de Geografia – IGCE/UNESP,  
campus de Rio Claro, [hadra@uol.com.br](mailto:hadra@uol.com.br)

As perspectivas atuais sobre os estudos da paisagem, em especial no campo da geoeologia ou da ecologia de paisagens, têm nos mostrado possibilidades de trabalhos interdisciplinares contribuindo para o diálogo e intercâmbio entre profissionais de diferentes áreas do conhecimento.

O resultado desse contexto se expressa através de uma produção que não se restringe a uma única dimensão da paisagem, mas envolve os questionamentos e problemáticas ambientais que emergem a cada dia, trazendo conseqüências irreversíveis às populações humanas e ao próprio meio ambiente, em muitos casos.

Deste modo, não temos um conhecimento científico divorciado das realidades geográficas específicas, mas os desafios emergenciais e cotidianos que as mesmas nos impõem na Gestão Ambiental. Já não basta apontarmos problemas e conflitos, torna-se necessário mostrarmos caminhos, soluções, processos que direcionem a resultados mais alentadores, tomadas as várias instâncias de ação.

Assim, ao estudarmos as paisagens para compreendermos melhor o entorno, buscamos concretizar melhores níveis de qualidade ambiental e de vida, recuperando áreas, revitalizando outras, criando novos cenários paisagísticos que se adequam às necessidades de nossa sociedade. Neste particular, percebemos as distintas marcas nas paisagens se contrapondo à conservação e preservação do patrimônio natural e construído, sendo também configurados os cenários da deterioração e degradação. Estes últimos quadros são pertinentes às formas como construímos a paisagem em resposta às demandas sócio-econômicas que nem sempre se alinham às reais necessidades humanas, ou às peculiaridades dos aspectos geográficos regionais.

Uma nova relação essencial entre seres humanos e suas paisagens necessita ser construída, onde diferentes valores sejam considerados, e, conseqüentemente novas condutas pró-ambientais sejam estimuladas diante da multi-funcionalidade de nossas paisagens.

Mas as ações dissociadas ainda persistem, concretizadas em arquiteturas paisagísticas do medo e do risco, expressando negligências atitudinais relativas aos vários segmentos de uma comunidade, onde divergências de interesses geram paisagens em um paralelismo de mundos e espaços vividos.

Paisagens em uma só paisagem: será que conseguimos perceber? Será que temos realmente consciência desses processos e nos tornamos mais conscienciosos? Ou será, que em nome de uma técnica ou de tecnologias nossa atitude envolva menos comprometimento político e responsabilidade social?

Araujo (1194:13), ao discutir aspectos da deterioração ambiental, também se refere à paisagem interna, afirmando que *“esta paisaje está todavia más deteriorado que el exterior. La ruína de lo que vemos tiene como causa primera la anterior de la que sentimos y queremos. Aquella depende de ésta. Y estamos ante algo sin precedentes.”*

Estamos diante de paisagens de conflitos na atualidade, como sempre estivemos na História humana. Mas é justamente o desenvolvimento de tecnologias que nos distinguem de outras épocas: podemos construir ou destruir com recursos sofisticados, alcançamos curtos e longos raios de distâncias e intervenções materiais e imateriais que, todavia, ameaçam a segurança global.

**Somos** parte da paisagem, do meio ambiente. **Temos** parte nas suas possíveis dimensões.

Considerados o **ser** e o **ter**, sempre **é** uma escolha onde nos deparamos com diferentes caminhos e graus de consciência ambiental a nortear nossos trabalhos, ações e omissões. Neste sentido, os estudos de ecologia de paisagens têm representado, sob uma visão sistêmica, uma contribuição significativa ao interpretar e valorar aspectos objetivos e subjetivos da paisagem, contributos fundamentais para a implantação de políticas públicas de gestão ambiental participativa.

Finalizando, cabe aqui uma reflexão. Lowenthal (1985:135-139), apresenta a seguinte consideração: *“cada um de nós desvia o mundo a seu próprio modo e contempla as paisagens com suas imagens particulares”*. Em relação ao meio ambiente e suas paisagens, o quanto seu olhar ou consciência se desviam? O quanto se alinham às realidades

ambientais compartilhadas pelos outros seres humanos? Que Terra desejamos? Que Terra precisamos?



[http://blog.uncovering.org/archives/2004/06/world\\_press\\_pho.html](http://blog.uncovering.org/archives/2004/06/world_press_pho.html), acesso: setembro 2007.

### **Referências**

ARAÚJO, J. *Prólogo*, In: ÁLAMO, J.B. del *et al. Viviendo el Paisaje – guía didáctica para interpretar y actuar sobre el paisaje*. Madrid: Fundación NatWest, 1994, pp. 13-14.

LOWENTHAL, D. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica, In: CHRISTOFOLETTI, A. **Perspectivas da geografia**. São Paulo: DIFEL, 1985.